

Paisagens em recortes: alguns apontamentos

MARCIA REGINA CAPELARI NAXARA*

Escolho, como ponto de partida para pensar a percepção de paisagens e lugares como designações culturais – localizadas em tempo e espaço –, algumas afirmações que contribuíram para sua assertiva. O geógrafo Augustin Berque pondera que toda “sociedade humana tem um meio ambiente, que percebe, simboliza e utiliza”; no entanto, o reconhecimento de representações na forma de paisagem, ou melhor, a sua nomeação explícita enquanto tal, com preocupação de uma estética da paisagem, surgiu na Europa somente com a “modernidade, [ou seja, no] momento do mundo onde o homem é[foi] erigido em sujeito, frente à natureza tratada como objeto” (BERQUE, 1995:346). A paisagem, afirma, não é e não se confunde com o “meio ambiente”; constitui uma específica expressão sensível/artística da relação homem/ambiente e das formas de apreensão do meio pelo homem, vinculada ao olhar e, em especial, ao olhar informado pela arte.

Simmel, em 1913, já nos alertava que perceber a natureza e vê-la em seus diversos detalhes não é “suficiente para nos dar consciência de ver uma ‘paisagem’”, uma vez que a natureza constitui um “encadeamento sem fim das coisas [...] unidade fluida do devir” (SIMMEL, 1913:231-233). A paisagem implica recorte, de forma a conferir à natureza – ilimitada – uma delimitação. Delimitação do olhar, pela interposição de “um princípio de organização”, que possibilite compreender, descrever e representar (DAGRON, 1996:10), ou seja, a percepção que temos da natureza é obra do olhar e da apreensão dos homens. Simon Schama nos lembra que é a “percepção transformadora dos homens que estabelece a diferença entre matéria bruta e paisagem”, que são[foram] os homens que estabelecem[estabeleceram] as diferentes formas de nomear (SCHAMA, 1996:17e seguintes) e, portanto, de dar existência cultural à natureza. A partir do Iluminismo, afirma Giulio Argan, “a natureza não é mais a ordem revelada e imutável da criação, mas o ambiente da existência

* DH-PPGH – FCHS-UNESP-Franca. Pesquisadora CNPq. Texto elaborado com base em reflexões mais amplas, apresentadas no Colóquio Internacional “conceitos e linguagens: construções identitárias”, realizado na UNESP-Franca, que se encontra em fase de preparação para publicação (org. Marcia NAXARA e Virgínia CAMILOTTI) e que guarda afinidades com as que tiveram lugar no Seminário Internacional Espaços Narrados – a construção dos múltiplos territórios da língua portuguesa, realizado na FAU-USP, ambos em outubro de 2012.

humana” (ARGAN, 1988/1992:12), vivenciada por indivíduos, que reagem diferentemente aos seus estímulos, além de constituir objeto de conhecimento.

Entre os recortes que possibilitam compartilhar espaços assimilados como paisagem tenho interesse na associação país-paisagem e em elementos que aproximam a ideia de narração – pela palavra ou pelo desenho – à de espaço e à de conformação de cidades.

Acompanho a análise de Fernando Catroga, para quem a união dos termos – pátria, país e paisagem –, contém “forte carga afetiva” e remonta a origens consideradas comuns. Pátria como palavra que suscita “sentimentos ‘quentes’”, ancestrais, impregnados em memórias geracionais, interiorizados na forma de sentimentos que podem ser reconhecidos em termos locais – o *lugar* como *paisagem* – ou com maior abrangência, com caráter regional e, mesmo, nacional (CATROGA, 2008:9-10). O Brasil – com seu imenso território – torna-se perceptível como totalidade, na medida em que é recortado – em regiões, em localidades, em lugares –, como se o recortar fosse condição da tessitura/costura do todo – as partes não reivindicam autonomia, mas pertencimento. Figuram-se paisagens que dizem e iluminam o lugar, o específico e, ao mesmo tempo, o pertencimento à paisagem-Brasil.

Desse modo, a associação país-paisagem ocorre no delineamento de cartografias simultaneamente concretas e imaginárias – configurações a um só tempo mentais e materializadas em termos do sensível; ou seja, tocam tanto a consciência (percepção e reconhecimento racional do lugar de origem/nascimento) como a sensibilidade, pela coesão e sentimento de pertencimento. Cabe verificar, também, que paisagens são inventadas, ou seja, “descobre-se” a beleza de lugares em determinados períodos e épocas, (CAUQUELIN, 1990/2000:94-95) com a atribuição de significados, por vezes antagônicos (praia e montanha são exemplos). E, ainda, que o desenvolvimento tecnológico não só não destruiu, mas ajudou a demonstrar o estatuto da imagem paisagem. Cauquelin argumenta que a tecnologia demonstra o trabalho efetivado para se chegar a uma cena de paisagem: após a captação das imagens, o “processamento em computador e digitalização, modelagem parcial e montagem, inclusão de cenas, colagem de diferentes técnicas de reprodução”, para a montagem do que, “segundo se pensa, seria possível ver naturalmente”, o que revela o “trabalho que, sem saber, fazemos quando “vemos” uma paisagem” (CAUQUELIN, 1990/2000:16).

Enfim, os sentimentos de pertencimento e representações do espaço configuram-se como paisagens em processos temporais, que pressupõem a construção de imagens e narrativas capazes de expressar o sentido que se quer imprimir ao que se toma por referência. Abre espaço para as variadas expressões da cultura, do político e dos modos de formar e informar o mundo. É nesta equação que, para diferentes localidades/lugares, eventualmente países, como o país Brasil e outros territórios definidos como nacionais, o cenário – natural e cultural – que se instala com e no tempo, nas histórias contadas e impressas, assim como nos desenhos e pinturas, possibilitam configurar o território e a carga de pertencimento que carrega, ou seja, condensam temporalidades e imaginários.

Em direção semelhante busco a associação entre narração, como dotação de sentido, espaço e conformação de cidades. Para tanto, considero pequenos trechos de duas narrativas que procuraram historicizar duas cidades, num tempo aproximado e, também, em significativos momentos de comemoração: O Rio de Janeiro por Gastão Cruls (1949), em excerto recortado por Ernani Silva Bruno; e São Paulo por Bruno (1954), citando Wolfgang Hoffmann-Harnisch.

Chegamos ao Rio de hoje, grande metrópole, cérebro e coração do País, [...]. Por sua situação incomparável, cidade marítima e cidade de montanha, paisagem de presépio engastada [...], casario distribuído desde o contorno caprichoso das praias até a encosta vestiginosa [sic] dos penhascos, [...] mais adiante aconchegada no pelo hirsuto da floresta primitiva – por tudo isto, [...] não há de estar longe o dia em que a nossa Capital alcance índices muito mais altos de população e forme ao lado das mais compactas aglomerações humanas: uma Londres ou uma Nova Iorque.

Gastão Cruls [1949/1965: V.II, p.621]

A esse desenvolvimento considerável não podia deixar de corresponder uma extrema intensificação da existência urbana, que marcaria, com **cores ainda menos tropicais**, a fisionomia da cidade. “Aqueles que andam pelas ruas, que olham e gritam, compram e vendem – notou um observador – sentem que aí está o centro de uma metrópole moderna, internacional, de uma cidade de comércio e indústria”. “Nessas ruas estreitas, de edifícios altos [...] os homens correm e se acotovelam como em qualquer capital da Europa”.

Ernani Silva Bruno [1953-54: v.III; p.1316-1317]
citando Wolfgang Hoffmann-Harnisch (*O Brasil que eu vi*). Grifo meu.

A amplitude do tema levou a um recorte no interior de duas obras alentadas, publicadas por ocasião das comemorações do IV Centenário das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, que procuraram “resgatar”, na forma como explicitado pelos autores, ou, melhor dizendo, historicizar, conhecer e interpretar suas origens e desenvolvimento. Escolhi alguns excertos que dizem de seus espaços e paisagens, recortados com relação às aproximadamente cinco décadas que precederam a comemoração de seus quatrocentos anos. Procuo acompanhar a narração como deslocamento, na forma como proposto por Certeau; como viagem que aciona diferentes percepções entre o que é observado e descrito, a apreensão de quem escreve e a recepção imaginária de quem lê. Relatos que organizam lugares, que selecionam, recompõem e traçam itinerários [CERTEAU: 1980/1994]. Para além disso, as variações de enunciação, leitura, entendimento e compreensão que a língua pode promover: leio Ernani Silva Bruno e Gastão Cruls, que foram leitores de um incontável número de outros autores, de escritos e de representações das cidades cuja idade, passagem do tempo, propõem comemorar. Leio Cruls a partir de recorte elaborado por Bruno, que o escolheu na perspectiva da composição de um mosaico da nação através da sua literatura.

Considerando os trechos acima recortados, vemos que ambos enfatizam elementos que se tornaram icônicos como imagem e representação dos espaços/cidades; ambos visualizam e elaboram a aproximação de Rio de Janeiro e São Paulo a capitais cosmopolitas ou, mais diretamente, a Londres e Nova Iorque; ambos conferem ênfase às reformas urbanas que haviam marcado a passagem do século e que haviam direcionado o desenvolvimento que então se reconhecia como positivo para o caminho que vinha sendo trilhado.

O recorte proposto toma em consideração a perspectiva mais ampla de estudos sobre o Brasil em que considero a sua conformação e visualidade como paisagem, pela estreita associação país/paisagem – pelas imagens locais e por imaginários construídos que se firmam como memória (e história). Nos 10 volumes que compõem a Coleção *Histórias e paisagens do Brasil*, Ernani Silva Bruno reuniu textos de vários gêneros, redigiu notas e elaborou introdução sobre cada uma das regiões em que dividiu o território. Textos através dos quais procurou dar a conhecer o Brasil; excertos de escritos que descortinam lugares e histórias “reais” e “imaginárias” com privilégio para as paisagens, denotativas da supremacia da natureza sobre o urbano que, em geral, ocupa espaço pequeno na coleção. O excerto de Cruls

foi retirado do volume V, intitulado “A cidade, o mar e as serras: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Guanabara”; é apresentado como crônica e recebeu, significativamente, o título “Subúrbio, favela, samba” [RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.323-335].

No volume VI, que Bruno organizou sobre São Paulo, “O planalto e os cafezais: São Paulo”, curiosamente, não há referência à cidade, com exceção da ilustração da Estação da Luz, presente na contracapa. Estranhamento que guarda relação, também, com sua obra anterior, que comemorou o IV Centenário da cidade, em que procurou recuperar sua história e tradições por sua formação e desenvolvimento desde o “Arraial de Sertanistas” até a “São Paulo de Agora (1918-1953)”, que aparece como Apêndice.

O foco dos autores está no “agora” dessas décadas de trinta, quarenta e cinquenta em que os textos foram pensados e escritos a partir da leitura de outros textos e da arguta observação dos escritores.

Um primeiro olhar para as escritos de ambos possibilita verificar grande diferença em termos de forma e abordagem. O texto de Bruno é predominantemente informativo, quase um texto técnico, que privilegia a formação da metrópole em sua área central, com imagens que procuram caracterizar uma cidade em mudança. Comprovam – texto e imagens – a perspectiva de progresso e desenvolvimento, suas incisivas transformações, tanto no traçado urbano como em edificações – construções, os melhoramentos viários.

Ainda que a bibliografia seja ampla, a proposta de Prestes Maia – *Os Melhoramentos de São Paulo* – é elemento central à construção do texto, pela análise, previsibilidade e indicação de perspectivas para a cidade. A ênfase é colocada na conquista aos obstáculos oferecidos pela natureza, com “correção” dos acidentes geográficos e, por vezes, pela criativa adaptação aos mesmos – com retificação de rios e viadutos sobre os vales –; demarcam, enfim a substantiva e profunda alteração da paisagem, em especial pelo alargamento de vias e pela verticalização. Bruno cita Alcântara Machado para concordar com a “previsão de que São Paulo, continuando assim, é[seria] capaz de bater a própria Nova York”; na sequência, no entanto, afirma a insignificância de grande parte das edificações da cidade, assinalando ao menos um ponto de grande negatividade – “uma impressão desoladora, com os enormes paredões de divisa, sem janelas e inteiramente despidos de qualquer ornamentação” –, por

comparação a Nova York, onde “geralmente as quatro faces arquitetônicas [são] estudadas” [BRUNO: 1953/54, v.III, p.1327-28].

Confere ênfase para as construções – que materializam a cidade – e para a referência às atividades que nela ocorrem: indústria, comércio, educação e cultura, nas suas variadas formas. Anota, também e logo de início, os grandes problemas “ainda sem solução”, concordando com Agache e Prestes Maia: “circulação, transportes, expansão, salubridade, estética” [BRUNO: 1953/54, v.III, p.1320].

Com essas características, o texto constitui percurso para percorrer a São Paulo de então – itinerário no sentido do que nos diz Certeau: leva o leitor pelos caminhos do centro da cidade, informa sobre os bairros, segue pelos acidentes geográficos e mostra como o espaço vai sendo constituído, concluindo, no entanto, que:

Diante da formação sem plano dos bairros, às vezes desarticulados e sem ligação entre si pode-se dizer, como Caio Prado Júnior, que salvo em sua parte central e na sua vizinhança imediata, São Paulo é uma cidade “que ainda espera por ser urbanizada no sentido integral da palavra”. [PRADO JR. apud BRUNO: 1953/54, v.III p.1340].

Como parte desse crescimento, não propriamente em associação, Bruno destaca a indústria e a presença de imigrantes, para enfatizar a continuidade de um desenvolvimento industrial que “se esboçara de fins do século passado...” e prosseguia, “acusando índices cada vez mais impressionantes, e conferindo à cidade um caráter cada vez mais definido de metrópole industrial” [BRUNO: 1953/54, v.III, p.1359].

Desenvolvimento acompanhado pelo crescimento vertiginoso da população, que manteve e “acentuou o contraste pronunciado entre as residências dos bairros aristocráticos e as dos bairros populares”. A cidade, “que contava menos de sessenta mil edificações em 1918-1919, estava com quase cem mil em 1928, com mais de duzentas e trinta mil nas zonas urbana e suburbana em 1944, e seguramente agora com mais de trezentas mil”. Aponta para a ocorrência da dinâmica da cidade situada no “centro” geográfico e cultural. Bruno percorre o movimento e alteração em importância do centro velho que tinha a Rua Direita por referência, para o centro novo, pela travessia do Vale do Anhangabaú, com destaque para a Rua Barão de Itapetininga, não somente pela construção do Teatro Municipal, como de outros equipamentos culturais em sua vizinhança, como a Biblioteca. Cabe ênfase, com

algum afastamento, a referência ao novo hipódromo em Cidade Jardim e ao Estádio do Pacaembu [BRUNO: 1953/54, v.III, p.1364-68], além dos novos bairros elegantes, construídos na perspectiva das cidades-jardim.

Finalmente, a não ser, ou mesmo que tenha sido intencional, o texto parece interrompido quando chegamos ao seu final na página 1382, deixando ao leitor a sensação de incompletude, de um texto não finalizado – talvez inacabado como a cidade que toma por referência.

* * *

Entre uma e outra narrativa e entre uma e outra cidade, dois contrastes ganham proporção: a verticalização e interioridade da primeira e a sinuosidade e litoraneidade da segunda.

* * *

O contraste das imagens tem referenciais definidos e informados pela tradição. Realçam e repõem diferenças entre as cidades, em especial pela maior visibilidade da natureza e pelo efetivo apelo do mar e da vegetação que sugerem cor e luminosidade para o Rio de Janeiro em relação a São Paulo, cujos edifícios fecham a visão, aproximando o olhar das edificações e realçando o que no texto aparece como “defeito” – as empenas cegas, sem tratamento arquitetônico, formadas por linhas verticais paralelas. O Rio de Janeiro abre-se para a junção praia/baía e morro enlaçando sinuosamente o conjunto das edificações que conformam a cidade qual uma moldura.

Subúrbio, favela, samba, como já afirmado, foi o título escolhido por Ernani Silva Bruno para nomear os pequenos excertos que recortou de *Aparência do Rio de Janeiro* (situadas entre as páginas 766 e 798 de texto que vai da p.620 à p.852). O texto de Cruls é bastante amplo, documentado e ilustrado, acompanhando as transformações que foram alterando a cidade ao longo da primeira metade do século XX, a partir da reforma de Pereira Passos. Bruno, em sua escolha, passa ao largo da reforma urbana e das alterações físicas, para concentrar-se nos aspectos que resultaram em alterações nas formas de uso da cidade, ou das diferentes cidades contidas na cidade. Inicia por trecho que, em certa medida pode ser contraposto à epígrafe inicial, pela afirmação do meio físico do Rio como compartimentado, com bairros “distribuídos por vales e separados por montanhas e morros”, de forma que os bairros tendem a ganhar vida própria pelo afastamento do centro, em “prejuízo do coração da

urbe” [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.323-324]. De início, já fica claro o distanciamento entre o seu próprio texto sobre São Paulo, em termos de estrutura e organização, com relação ao de Cruls, em que, paralelamente à geografia da cidade e ao seu desenvolvimento urbano, ocorre enorme ênfase à relação centro-subúrbio e ao trânsito cultural.

Após a caracterização inicial de isolamento físico proporcionado pelo meio entre o centro e os subúrbios, dá-se ênfase à construção e expansão dos meios de comunicação que os colocam em contato, com referência à inauguração, em 1858, “do primeiro trecho da Estrada de Ferro Central do Brasil, entre a estação inicial e Cascadura” e aos “primeiros trens da Leopoldina [que] começaram a correr em 1886” [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.324; 326].

Para dizer dos subúrbios Cruls elaborou um resumo de *Policarpo Quaresma*, até por considerar que Lima Barreto teria sido o autor ideal de uma crônica sobre os mesmos:

Os subúrbios do Rio são a mais curiosa coisa em matéria de edificação. Nada mais irregular e caprichoso. [...] As casas, sem qualquer plano, surgiram como se fossem semeadas ao vento. [...] Há para todos os gostos e construídas de todas as formas. [...] Junto de uma choupana de pau-a-pique, coberta de zinco ou mesmo de palha, levanta-se a casa de roça, com varanda e colunas de estilo pouco classificável. [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.331]

Continua por afirmar que esse subúrbio de que fala Lima Barreto é “apenas o *slum* dos subúrbios”, pois existem os subúrbios da chácara, do sobrado avarandado e do chalezinho alambicado... Além de indicar que, para além do subúrbio há, ainda, o “sertão” carioca: “buscando dar-lhe delimitação precisa, melhor será compreender a nossa zona rural nos distritos de Jacarepaguá, Campo Grande e Santa Cruz, mesmo que em cada um deles e cada vez mais se patenteiem aspectos suburbanos e até citadinos.” [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.331].

Compondo o conjunto, os morros, cujo contorno forma e informa a paisagem do Rio. De perto, mostram as favelas em todo o seu significado, marcando a paisagem em termos físicos e culturais.

De longa data, tanto na zona norte como na zona sul, os morros da cidade, que não faltam em todos os bairros e para todos os gostos, vêm sendo habitados pela nossa gente mais pobre, [...]. São as chamadas favelas,

amontoados de casebres e choças feitos aos deus-dará... [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.332].

A referência maior é a “Mangueira, lugar de muitas desordens”, mas também “um dos focos da nossa música popular, que, se nem sempre vem de lá para lá muitas vezes se volta nos seus versos”, pela poética e ritmo do samba. [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.333].

A parte final recortada por Bruno conduz da favela/samba ao carnaval, ou melhor, aos *Carnavais* e ao seu significado para a cidade, pela multiplicação de “blocos, cordões e ranchos”, pelo aparecimento, em 1917, da “primeira música impressa com o nome da samba” – *Pelo telefone*, de Donga – e, um pouco mais tarde, o continuador de Sinhô, Noel Rosa. [CRULS apud RIEDEL/BRUNO: 1958/59, p.334-335].

Duas cidades, dois relatos sobre cidades, dois modos de acercar-se do que são as cidades. Escritos que traçam itinerários e descrevem paisagens. Bruno, que na *São Paulo de Agora* enfatiza os elementos propulsores do seu crescimento e desenvolvimento, ao pinçar os excertos de *Aparência do Rio de Janeiro*, de Cruls, confere ênfase especial, mais que ao concreto da cidade, às manifestações da cultura que nela tem existência, aos contatos entre os homens e aos múltiplos territórios que conformam sua convivência. Formas e modos de dizer da e a cidade, constituindo relatos que “efetua portanto um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares” [CERTEAU: 1990/1994, p.203], pela atribuição de múltiplas significações.

Conjunto de imagens e relatos que foram se consolidando, ainda que com movimentos maleáveis e, por vezes, contraditórios, originando as várias imagens identitárias com que o Brasil/país se apresenta e se visualiza, mantendo a unidade que vincula país e paisagem.

REFERÊNCIAS:

ARGAN, Giulio Carlo. [1988] *Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Trad. Denise Bottmann e Federico Carotti; Prefácio Rodrigo Naves. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BERQUE, Augustin. De paysage en outre-pays. In: ROGER, Alain. (dir.) *La théorie du paysage en France (1974-1994)*. Paris: Champ Vallon, 1995. p.346-378.

BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. 3v. I. São Paulo Arraial de Sertanistas (1554-1828); II. São Paulo Burgo de Estudantes (1828-1872); III. São Paulo Metrópole do Café (1872-1918) e São Paulo de Agora (1918-1953). Rio de Janeiro/São Paulo: José Olympio, 1953-54.

CATROGA, Fernando. Pátria, Nação, Nacionalismo. In: TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando Tavares & SOUZA, Julião Soares (coord.). *Comunidades imaginadas: Nação e nacionalismos em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p.9-39.

CAUQUELIN, Anne. [1990; 2000] *A invenção da paisagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, Michel de. [1990] Relatos de espaço. In: *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994, p.199-217.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro* (Notícia Histórica e Descritiva da Cidade) [1949]. 2 Tomos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. (Coleção Rio 4 séculos – 6 volumes).

DAGRON, Gilbert. Préface. In: HUNT, John Dixon. *L'art du jardin et son histoire*. Paris: Editions Odile Jacob, 1996, p.7-12.

RIEDEL, Diaulas (editor). *Histórias e Paisagens do Brasil*. Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens. Seleção, introdução e notas de Ernani Silva BRUNO. Capas e ilustrações de Guilherme Valpeteris. Volume V. *A cidade, o mar e as serras: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal*. São Paulo: Cultrix, 1958/1959.

SCHAMA, Simon. [1995] *Paisagem e memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SIMMEL, Georg. [1913] Philosophie du paysage. In: *La tragédie de la culture et autres essais*. Trad. Sabine Cornille et Philippe Ivernel. Précédé d'un essai de Vladimir Jankélévitch. Paris: Éditions Rivages, 1988. p.231-245.